

Galvés exige acordo igual aos do México e Venezuela

Filadélfia — Menores taxas de juros e maior volume de comércio internacional são indispensáveis para os países em desenvolvimento crescerem e atenderem aos compromissos de sua dívida externa, disse ontem o ministro brasileiro da Fazenda, Ernane Galvés, na conferência internacional sobre moeda e comércio, patrocinada pelo Global Interdependence Center e pelo "Grupo dos 30".

Na falta destes fatores — disse o ministro —, os países em desenvolvimento terão que se enquadrar em limites financeiros ainda mais rigorosos ou prolongar a crise (das dívidas).

Galvés falou na véspera do inicio das reuniões do Brasil com seus bancos credores em Nova Iorque para tratar do reescalonamento de sua dívida externa de 98 bilhões de dólares para 1985 e anos subsequentes.

Respondendo a perguntas, o ministro confirmou que o Brasil espera implementar o reescalonamento multianual de sua dívida, a exemplo dos acordos a que chegaram recentemente o México e a Venezuela. No seu entender, são boas as perspectivas do Brasil para o reembolso de seus débitos "na medida em que o nível de exportações continuar a crescer".

No discurso que proferiu na conferência, Galvés

disse que as altas taxas de juros têm efeito negativo sobre o quadro de comércio mundial. Destacou que, vistas num contexto internacional, as taxas de juros mais altas significam menos investimentos estrangeiros e menores estoques de mercadorias — o que abala o o intercâmbio internacional.

"Acima de tudo, os juros altos são uma tremenda força que amplia a dívida externa — hoje o item negativo mais importante na conta de serviços e em toda a balança de pagamentos dos países em desenvolvimento", afirmou o ministro.

Disse ainda que, ou os

países em desenvolvimento pagam os juros ou pagam as importações, acrescentando que, no período de 1981 a 1982, as importações do México baixaram dos 24 bilhões para os 14 bilhões de dólares, caindo para 8 bilhões em 1983.

Nesse mesmo período, o Brasil também reduziu suas importações, dos 22 bilhões para os 20 bilhões de dólares, destacou Galvés apontando que "como os países em desenvolvimento são o local de destino de 40% das exportações das economias de mercado industriais, uma redução de apenas 10% em suas importações corresponde a um corte de 4% nas expor-

tacões globais das nações industrializadas".

Na mesma oportunidade, o presidente do comitê coordenador de bancos, William Rhodas, disse que as negociações para o refinanciamento da dívida externa de 49 bilhões de dólares da Argentina devem estar terminadas este mês.

Rhodes, do Citibank de Nova Iorque, declarou que "o tempo dirá" se a Argentina terá êxito no reescalonamento de sua dívida e em seu reingresso nos mercados financeiros internacionais.

"Existem sintomas de avanços", declarou Rhodes referindo-se ao acordo da Argentina com o FMI.